

Germinal



N.º 9 — ANO I
7 de Março de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolu-
ção prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Demagogia e ditadura

A demagogia tem uma consequência: a ditadura. Que a bem dizer, demagogia e ditadura não são mais do que dois aspectos da mesma coisa, duas modalidades da mesma essência: o despotismo. Mas uma e outra iludem muita boa gente, porque ambas trazem oculto o rosto hediondo por uma linda máscara. A máscara da demagogia é a Liberdade; a da ditadura é a Ordem. São bem dois ramos da mesma planta que tem como raiz a ignorância.

E' esta raiz que em Portugal está forte, estendendo-se por toda a parte, atingindo todas as camadas, os pobres e os ricos, os analfabetos e os letrados. Nos paizes como o nosso, raras vezes se anda fóra da demagogia ou da ditadura, se ha vida politica.

Se esta se não manifesta fortemente, então dorme-se, indiferente ao decorrer das coisas, as quais tanto decorrem á vontade, que ao fim d'algum tempo o indifferente, o sonolento é tirado da sua inação por uma sacudida do despotismo demagogico ou ditatorial. Incomodado, reage naturalmente em sentido contrario, produzindo ou ajudando o despotismo oposto áquele que o incomodara.

Dóe-lhe a ditadura, vae para a demagogia em nome da liberdade; é a demagogia que o maltrata, cahe na ditadura pedindo ordem. Nos intervalos dorme, porque não está para a maçada de se ocupar das coisas publicas, defendendo-se quer do primeiro atentado á sua liberdade, quer do primeiro assalto á sua bolsa de contribuinte ou de consumidor. Tivesse cada um menos horror por esta maçada, e não seria possível a demagogia nem a ditadura, porque inutilizadas as primeiras investidas duma

ou outra, a liberdade aumentaria constantemente. Mas áquelle horror existe porque se trata de pensar, de ser autonomo, de saber o valor da solidariedade ou do exemplo individual na reclamação, no protesto, na resistencia contra o que abusa; porque é muito mais simples deixar aos governantes — pois não é para isso que eles existem? — o cuidado de manterem a liberdade e a ordem; e ainda porque não se sabe uma coisa: é que os governos não podem deixar de ser demagogos se são pela liberdade, e não podem deixar de ser ditadores se são pela ordem.

Pão e assucar

Continuam governo e interessados de varias ordens tratando de resolver a crise do trigo e do assucar.

Conferencias, reclamações e relatorios vão-se sucedendo enquanto o povo vae esperando e o tempo vae passando. E como «o tempo foge», não tardará muito que nos encontremos perto das colheitas; mais uns' mezitos, e depois como ha pão novo, já ninguem se lembra de males passados, tanto mais que para as classes abastadas, incontestavelmente as mais interessantes, sempre ha de chegar.

Quanto ao assucar lê-se nos jornais que o chefe Santos, fiscal do preço dos generos, diz que «não ha nada que possa justificar a elevação de preços que estão fazendo alguns commerciantes nas provincias».

Não ha razão, mas eles elevam o preço; e se amanhã o povo fizer justiça por suas mãos, visto os varios chefes a não fazerem, ha logo peixe-espada em cima dos discolos, dos desordeiros que não sabem utilizar as vias legais e competentes que o Estado protetor lhes faculta, e que atentam maldosamente contra a sagrada propriedade e a não menos sagrada liberdade de comercio.

Acidentes no trabalho

II

O caso da Companhia do Gaz — talvez já levado ao esquecimento pela absorvente e dissolvente preocupação da politica dos partidos — veio mostrar mais uma vez como nesta sociedade o interesse (quantas vezes bem ilegítimo!) dum individuo ou dum pequeno numero de individuos se encontra em briga com o interesse geral e como aquele consegue triunfar deste, mercê de um certo conjunto de circunstancias.

Se vivéssemos numa sociedade em que a preocupação de todos os individuos fosse conseguir, para o maior numero, a maior soma de bem-estar, de felicidade possível, e harmonisar a sua felicidade propria com o bem comum, nunca contrariamos no seio duma cidade populosa, como é já Lisboa, uma fabrica de Gaz — industria sempre perigosa.

Se vivéssemos numa sociedade onde se não exercesse a politica de partidos, artificiosa, hipocrita, corruptora, odiosa, necessitada de criar apadrinhados e clientes, de conseguir vultos importantes e votos numerosos, pastores poderosos e fartos rebanhos submissos, por certo nenhuma fabrica de gaz, nenhuma Companhia conseguiria a benevolencia e proteção escandalosas, criminosas mesmo, que esta tem tido por parte de sucessivos governos e sucessivos municipios.

Se a organização social fosse outra e em vez de o capital se encontrar amontoado nas mãos de meia duzia, fosse patrimonio coletivo — constituido pelas riquezas naturais, pelas conquistas realizadas pelo homem atravez das edades e pelo esforço constante de todos —; se as industrias fossem administradas por aqueles que verdadeiramente as exercessem, pelos que produzem quer criando, quer transformando — nunca veriamos fabricas de gaz e electricidade nas condições em que esta se encontra, montada nas

peores circunstancias, com material acumulado, com material velho, com material deteriorado, constituindo um constante perigo para os que nela trabalham diariamente, sendo «como que uma maquina explosiva constantemente virada contra o publico» no dizer feliz de uma das testemunhas, o sr. Almeida Lima, professor de fisica e reitor da Universidade de Lisboa.

Mas nós vivemos precisamente nesta sociedade capitalista, estadual e poliqueira, nesta sociedade em que tudo é venal e o interesse de meia duzia vence o interesse coletivo, e por isso os monopolios crescem e florescem, e as Companhias de gaz conseguem tudo quanto querem, não tendo duvida em sacrificar as vidas daqueles que para elas produzem e dos que consomem e pagam por bom preço os seus produtos — se de certas medidas (ou da falta delas) que criam esse risco, resultar para elas, companhias, maior soma de lucros ou menor despesa a fazer.

Eis aqui as verdadeiras causas do desastre, da explosão que em outubro se deu na rua da Boa Vista e vitimou operarios e transeuntes desprevenidos.

— Mas a sociedade não pode transformar-se de um momento para o outro, não se mudam de repente as suas bases — observará alguém.

— Decerto — respondemos — decerto. Bem o sabemos nós que conhecemos bastante a luta travada pelos homens nesse campo. Simplesmente, não é menos certo que, enquanto essas causas não podem desaparecer, alguma coisa poderemos obter. Ha corretivos, coisas que atenuam o mal e ajudam mesmo a extingui-lo. E' isso que havemos de ver: quaes os corretivos, qual a sua importancia e sua eficacia e se poderemos ou não alcançar mais garantia para a vida humana e menos proteção áqueles que, com a mira na ganancia, zombam dela todos os dias.

Sobral de Campos.

Os anarquistas e a guerra européa

«Ajudando a repelir essa onda da reação, contribuindo para a falencia dos planos do militarismo prussiano, nós procuramos acautelar o futuro, tentamos salvar do naufragio o que das ideias de liberdade puder salvar-se, defendendo o nosso direito de intervir quando, acabada a guerra, se debaterem as novas condições de existência da Europa.» (J. Grave, *Germinal*, 14-2-915).

E' isto que outros exprimem falando das «conquistas da democracia a salvar,» ou do perigo alemão a combater», etc.

Mas os camaradas abstencionistas (se assim os podemos designar) não parece acreditarem nem no valor da democracia nem no perigo alemão. Do valor da democracia, das liberdades politicas, falei no penultimo artigo, chamando a atenção do leitor para o que se passa em cada país e que parece mostrar bem, que nem para os abstencionistas existe a indiferença, que seria a atitude consequente em face dos movimentos politicos, o que nos prova que os regimens não se equivalem.

Sobre o perigo alemão, farei o mesmo: apenas chamar a atenção do leitor para o que tem sido e para o que é a Alemanha.

Estude-se o melhor que se puder este país comparando-o com outros e do estudo resultará a convicção de que não está tudo dito, desde que se desvendam e se analisam as combinações e os falsos patriotismos dos financeiros, de todos os homens do negocio e da politica, pondo ao mesmo tempo em evidencia o antagonismo entre os interesses desta gente e os do proletariado.

*

Sem irmos muito longe, siga-se a evolução politica da Alemanha desde a paz de Westfalia, que é, pode-se dizer, quando se forma o Estado prussiano.

Estude-se a acção politica, administrativa e militar dos soberanos e ministros da Prussia; a forma como, desde Frederico Guilherme, o eleitor de Brandebourg até agora, (com interrupções episódicas que não alteraram a estrutura geral e fundamental do Estado) se disciplinou, se adaptou, se preparou o povo prussiano e o alemão depois, para serem, o mais completamente possível, um organismo, um instrumento manejados á vontade pelos governantes.

Talvez não haja na historia, se exceptuarmos a Igreja Catolica, exemplo mais perfeito e, digamos a palavra, mais grandioso da formação e manutenção dum organismo social fundado na gerarquia, na obediencia e na ambição do dominio.

Siga-se com atenção o cui-

gado extremo com que tem sido mantido o funcionamento da maquina administrativa alemã, que fazia a admiração de quantos visitavam o país. Foi essa talvez a maior força da Alemanha para atingir o fim que se propunha. Cada funcionario, uma peça dum grande maquinismo, de cuja critica êle deve abdicar, na convicção absoluta de que é assim que êle contribue melhor para o engrandecimento do todo: do Brandeburgo, depois da Prussia, depois da Confederação Alemã, depois «de tudo que é alemão» e finalmente de todo o mundo, porque todo o mundo deve ser um imenso organismo, uma imensa maquina obedecendo á influencia alemã. Esta concepção mantem-se atravez de todas as vicissitudes, de desastres sofridos, de dificuldades internas e externas: Os Hohenzollern, eleitos de Deus para governarem o primeiro povo, o germanico, devem estender a toda parte o seu dominio para salvação do mundo.

Com as alterações que se quizerem na forma de realisação, dependente da epoca, das circunstancias, do temperamento dos governantes, etc., é esta concepção imperialista, que tem muito de religiosa e de mística — claramente manifestada no actual imperador — que tem sido o fundamento em que tem assentado toda a vida nacional alemã.

Levar todo o alemão a exercer a sua actividade, a sua profissão, tendo sempre em vista a grandeza da Alemanha, foi o metodo empregado para atingir a perfeição nos movimentos da engrenagem.

Desde o soberano ao mais humilde profissional, o que cada um fazia, devia ser com os olhos fitos na Alemanha. O caixeiro viajante, o official do exercito, o professor, o operario, o fabricante, o jornalista, o artista, o agricultor, o marinheiro, o sabio, todos deviam trabalhar para o engrandecimento da Alemanha, convictos de que pertenciam a um povo superior, destinado a dominar os outros, inferiores. *Deutschland uber alles!* «a Alemanha cima de tudo!» destino maravilhoso de grandeza, ao qual tudo se devia sacrificar.

Foi porque todos se convenceram de que assim devia ser, que em todo o alemão se encontrava (com raras excepções) uma parcela, grande ou pequena, desta ideia, quando não era a ideia completa. Por isso foi possível essa preparação guerreira e administrativa que tem assombrado toda a gente com a actual guerra.

Outro aspecto — talvez o mais interessante — desta mentalida-

de, desta psicologia coletiva, unica entre os povos modernos, é-nos dado pela ideia de organização.

Esta, que começara por ser um meio para atingir um fim: a perfeita regularidade nos serviços — impoz-se pela pratica e pelos resultados obtidos, de tal forma, que passou a ser um fim a atingir como expressão de estadio de civilização. E' assim que se compreende esta explicação dos intellectuaes alemães, justificando a dominação da Alemanha sobre os outros povos, para bem da civilização: «Estes povos ainda estão no estado individualista, ao passo que a Alemanha atingiu o estado de organização, estado superior, sendo preciso que os outros povos se subordinem a éla para assim poderem civilizar-se.» Até os socialistas cuja organização partidaria, attitude nos congressos, etc., era um reflexo, nada palido, desta mentalidade, se tem mostrado e mostram imperialistas. (O mais recente exemplo disto é-nos dado na *Aurora*, ultimo numero; Imperialismo Socialista).

«A Alemanha é um povo superior, a sua prosperidade o revela; esta é a obra da organização contra o individuo.

O individuo, revelando-se, é a peça da maquina fugindo á sua função e pondo um defeito no funcionamento do organismo E' por consequencia uma inferioridade que deve ser combatida com tanta mais severidade, quanto constitue um perigo. Afastemos esse perigo do mundo, como o afastámos da Alemanha; é a nossa missão. Tanto peor para os que, inferiores, pretendem opôr-se-lhe.» Eis a sintese do nacionalismo alemão.

E' mais uma vez o despotismo, aniquilando o individuo, que pretende impor-se ao mundo; e mais uma vez se tem de lutar contra o despotismo.

Este é que é o grande perigo contido em toda esta guerra, preparada e desencadeada pela Alemanha. Como se lutou e se luta contra Roma, tem que se lutar contra Berlim, e sempre em nome dos direitos do homem que Roma e Berlim, agora espiritualmente aliados, pretendem esmagar.

(Continua)

Emilio Costa.

Junto do general

O partido socialista enviou uma comissão ao chefe do governo a significar-lhe a penuria em que o deixa o recente decreto eleitoral. Deu a comissão o seu recado e em seguida *debateu largamente* com o sr. Pimenta de Castro, varios casos da situação economica do país, acabando por solicitar-lhe uma enfiada de reformas. Foi uma *grande jornada*, não ha duvida. Pode a classe operaria dormir descansada. Os socialistas ve-

Dicionario subversivo

A

(Continuação)

AVAREZA — Amor tão mesquinho pelas riquezas, que aqueles mesmos que adoram o Rei Milhão, desprezam os avarentos.

B

BACHAREL — Falador formado, segundo o dicionario do padre Bacelar. Perdõe a memoria do Reverendo, mas semelhante definição não contém todo o definido. Pois se ha tantos bachareis que são verdadeiros patos-mudos! — Sujeitos algo prognosticos aventam que o *bacharelato* foi o filoxera da monarchia e ha de dar com a republica em vasa-barris. Ora! ora!

BANCARROTA — Achaque muito comum nos governos e nos individuos que tem que dissipar.

BANDEIRA — Distintivo que se tornou objecto de culto para alguns. Intentam esses religiosos levar-nos a dar perante o seu feitiço, sinaes adequados de que morremos de amor pela ideia que ao mesmo ligam. E todo o seu desejo é impulsionar a sociedade para a frente, dizem eles.

BANDEIRA VERMELHA — Tornouse o simbolo revolucionario — diz um escritor — em razão de proclamar «a lei marcial do povo contra os rebeldes do poder executivo».

BARRICADAS — Argumentos usados nas lutas politicas, principalmente pelos franceses. De 1848 a 1871 o seu emprego foi uma industria florescente.

BASTILHA — Instrumento odioso da tirania das classes dominantes, era ao mesmo tempo uma fortaleza, uma prisão e um tumulto... dos fidalgos franceses. Erguia-se no meio das casas do bairro populoso de Paris, á entrada do «faubourg» Santo Antonio. Tomada e destruida pelo povo em 1789, o seu nome passou a designar todo o padrão do despotismo.

BEM DO PAÍS — Carapuça a dentro da qual se movem as ambições dos politicos. Sinónimo de

BEM PUBLICO — Expressão vaga, ambigua, que abre a porta a todas as ambições e a todas as perfidias, ontem em nome do engrandecimento do Poder Rial, hoje em nome do Engrandecimento do Estado.

«BILL» DE INDEMNIDADE — Liquidação de contas ministeriaes, apresentada ao parlamento quando ha certeza de que a maioria as aprova.

BOICOT — Ataque á «burra» do comerciante ou industrial mistificador, tiranico ou recalitrante.

BUFO ou **ESPIÃO** — Artigo de consumo, essencial á vida de todos os governos, mesmo democraticos ou radicaes.

(Continua)

Nn.

CANCIONEIRO

Jogral caído

Tu riste muita vez em noites jubilosas,
Da sua fina graça e franco bom humor;
Tinha talvez, quem sabe?... a mente dêsse actor
Os sonhos e ilusões das vidas radiosas.

Dava-lhe a fátua luz da rampa horas ditosas...
Julgava-se feliz ouvindo aquel' rumor
Do povo entusiasmado e que num estranho ardor
Lhe atirava febril as palmas victoriosas.

Tu rias... vê-o agora!... a fronte macilenta,
Os lábios já sem riso, e os olhos já sem luz...
Viver p'ra toda a gente, é morte, é morte lenta!...

Esqu'leto que tem frio... o premio que o seduz
E' achar, ao cair, vencido p'la tormenta,
Sete palmos de terra à sombra duma cruz!...

Adelino Veiga.

Um inquerito

Em 30 de Janeiro de 1911, a *Republica Social*, semanario de Lisboa, que tinha por director o actual redactor principal do *Combate*, publicou em suplemento o relatório de uma comissão composta dos socialistas Antonio Pereira, Oliveira Pombo e Antonio Augusto Marques, e nomeada pelo centro socialista do 1.º bairro, para inquirir «tudo quanto pelas associações, pelos cafés e pelas fabricas e oficinas se tem dito contra os homens mais em evidencia no partido socialista». Nesse relatório os comissionados limitavam-se a dizer aos seus correligionarios, que não possuíam «um unico documento que prove as acusações que eram dirigidas ao partido socialista», e portanto não viam «necessidade alguma de afastar ninguem». Seriam as mesmas as suas palavras se ao tempo tivessem vindo a publico as cartas sobre o movimento operario agora insertas nos *Documentos politicos*?

Fazem-nos supor que sim estas palavras da *Voz do Operario*: — «E que ha ali? Cartas, simplesmente cartas, dum funcionario qualquer que ninguem conhece, procurando insinuar-se no espirito do rei e dos ministros, como ainda hoje se faz... No entanto, ao passo que ali se não encontra nada, que possa ferir ou beliscar qualquer elemento operarios socialistas...» Pensará assim o povo trabalhador a quem o suplemento era dirigido? Não verá sequer que o tal funcionario que ninguem conhece era pelo menos conhecido de Gnecco, que o tratava por «meu caro amigo» e com êle versava casos de provaveis instituições officiais de trabalho? E não só de Gnecco, mas de Antonio Pereira, que no *Combate* de do-

mingo passado escrevia: — «Só uma cousa transparece: é que um tal Alfredo Monteverde jogou com êle (Gnecco), como pretendeu jogar comigo, para satisfação das suas ambições pessoais, porque esse homem não era um politico».

Seja qual for o juizo do povo trabalhador, nós frizamos já o que temos por patente.

Monteverde envolveu-se nas coisas socialistas, como agente directo do rei, com um fito: pôr a força proletaria ao serviço da monarchia. E tão bons ou tão maus eram os seus serviços, que uma ocasião houve em que D. Manuel, «muito interessado pela questão havia bastante tempo», afirmou que êle conseguira unir completamente os diferentes grupos socialistas, e que no partido socialista se fazia tudo sob as indicações dêle.

Apesar disso, pode bradar-se, como faz a *Republica Social*, que os socialistas nunca tiveram acordos politicos, nem ligações secretas com a monarchia? Julgamos que não. E o nosso modo de ver, que é também o de Antonio Pereira, quando confessa que Monteverde jogou com Gnecco, — salvo se pretende agora fazer passar o falecido chete socialista por um inocente, um pobre homem, — tem a rebustecê-lo a declaração do sr. Venceslau de Lima, que diz: «Eu já tenho tido alguns entendimentos com o operariado por intermedio de um *companheiro* do Gnecco».

Em conclusão: — O inquerito a que nos referimos não deve ter-se por encerrado. A' classe trabalhadora assiste o direito de saber como tem procedido alguns dos seus mentores para *arrancarem* do Estado tanto quanto possível, em favor dela. E é do seu proprio interesse usar dêsse direito.

A PROPOSITO DA GUERRA

O caso Sebastião Faure — Abdica-se pegando em armas?

Contrariamente aos boatos que correram, Sebastião Faure não foi preso nem processado por causa do seu manifesto sobre a paz. S. Faure foi convidado pelo ministro do interior a ir falar lhe ao seu gabinete, dizendo-lhe o ministro o seguinte, (*Tierra y Libertad*, 24-2-915; não traduzimos porque se trata já de uma tradução e todo o leitor compreender o espanhol):

«Admiro en vos al orador elocuente, al artista magistral de la palabra. Admiro también vuestras ideas aun cuando no participo de ellas.

«Soy, como vos, partidario de la paz, que me esfuerce en mantener hasta que la guerra nos fué impuesta.

«¿Habéis calculado la honda impresión que vuestro manifiesto ha producido lo mismo en la población civil que en la militar?»

«La primera está cansada de la guerra por la carestía de la vida, por la falta de trabajo, porque sufre las consecuencias inevitables de la guerra y porque cada familia, desde Brest hasta Belfort, desde Tolosa hasta Lila, cuenta con un miembro que fué a las líneas de fuego y no ha vuelto.

«La segunda porque no puede resistir los esfuerzos sobrehumanos que, día por día, tiene que hacer, porque el trabajo a que contra nuestra voluntad tenemos que someterla es extenuante; porque está rendida, exhausta; porque cree que la espera una muerte cierta...»

«Cuando vuestro manifiesto llegó a los campamentos, a las trincheras, se produjo un principio de insurrección, que hubo que reprimir con rapidez y por todos los medios para que no se propagara, para que no tomara cuerpo.

«Muchos soldados fueron encarcelados y condenados en consejo sumarisimo. Cuando las sentencias llegaron a París para que el ministro de la Guerra las sancionara, fué convocado de urgencia un Consejo de ministros, en el que se acordó que marlas y llamaros para que desistáis, por ahora, de continuar la campaña que habéis iniciado con vuestro manifiesto, y que nosotros consideramos prematura mientras los alemanes ocupen, como ahora, unos cuantos departamentos franceses.

Libre el suelo francés de los invasores, podréis continuarla, si queréis.

«Pero actualmente, la población civil y militar están propensas, por las causas que ligeramente he señalado, a secundar todo esfuerzo que tienda a asegurarles la paz, la tranquilidad y el trabajo, como antes de la guerra.

«Si en estas condiciones se produ-

jera una nueva insurrección y no pudiéramos sofocarla, no se os escapan las consecuencias que de ello podrían derivarse para Francia, que quedaria humillada ante Alemania, para el Progreso y para la civilización.

«Yo os ruego tengáis en cuenta estas razones y deis tregua, por ahora, a vuestras ansias de paz.»

Duma carta dirigida por um *terrassier* ao secretario do respectivo sindicato em Paris: (*Bataille Syndicaliste*, 8-2-915).

«A despeito das nuvens de odio amontoadado sobre o mundo, de onde cae esta chuva de dores e sangue, o nosso coração não muda. Tão resolvidos, como qualquer outro a cumprir o terrível dever que nos impuzemos, conservamos uma alma rebelde a toda a ideia de iniquas represalias ou de odio coletivo. Cada día me conveço de que o exercito de trabalho e de miseria que tem sido o proletariado, não perde de vista, para lá das lutas *necessarias* do presente, as lutas *indispensaveis* de amanhã.

Contra o fanatismo duma nação submetida — *berinde ad cadaver* — aos caprichos sanguinarios dum Hohenzollern, os sem-patria, os revolucionarios, os maus francezes, numa palavra, todos os caluniados de ontem, a caça do gendarme, a canalha a reprimir sem contempações, dão, sem contar os seus esforços, o seu sangue, a sua vida.

Esquecendo um instante que a voz de certos poderosos que agora lhe falam é a dos que antes o ultrajavam e o desconheciam, o proletariado soldado cala-se e obedece, porque para além dessa voz, passageira e pouco segura de si propria, elle houve a voz da França, a França dele, a de Jacques Bonhomme, de Rabespierre e Danton, a dos seus paes de maio de 1871, a que rugiu e se ergueu como uma vaga formidavel nos dias de manifestações operarias; essa enfim, que atravez dos seculos, reclama para todos os homens o bem estar e a liberdade! Essa França ama-a ele, sem que precise de ordem para isso e luta para que a sua voz não seja abafada pela morçaga germanica ou adulterada pelas necessidades de classe ou atavismo dominador de alguns dos seus compatriotas.

Taes são, caros camaradas; os sentimentos que nos animam. Quando a voz do canhão se cala, nós entremomos a falar entre nós desse querido passado; as vidas humanas extinguem-se, a ideia engrandece-se vigorosa e fecunda. O crente que morre, vê a sua agonia dulcificada pelo pensamento na felicidade eterna; nós, se sucumbimos, sabemos que um dia, sobre os nossos tumulos, novas cearas crescerão para alimentar uma humanidade mais fraternal e mais bela.»

NOTAS LIGEIRAS

Em conversa observou-me o outro dia um simpatisante: — «Pois se vocês são apologistas da guerra!...» E como eu não contivesse um sorriso, meio interrogador, meio compassivo, acrescentou: — «Que eu não tenho lido; é o que dizem».

Esta frase explica muitas atitudes. Ah! como seria consoladora a certeza de que todos liam e, lendo, procuravam compreender!

Entre nós ha revolucionarios que ontem ajudaram a implantar a republica... portuguesa e a defendê-la de incursões e conspirações monarchicas, e hoje desdenham da republica... francesa. Bem sabem êles que as suas palavras actuais colidem com as suas obras passadas. Mas deixam vencer a coerencia por uma forma de radica-

lismo barato, muito querida de certos espiritos. São *snobs*, de nova especie, no fim de contas.

— Quem fez a terra? Eu cá não fui, sr. professor!

A tão conhecida anedota acaba de repetir-se em certo modo, no país vizinho. A proposito da guerra actual, afirma C. D., colaborador de um jornal operario dali, que o proletariado revolucionario espanhol não a quis. Para bem se definirem atitudes, pergunta-se ao operariado espanhol: quem invadiu a Servia? quem invadiu a Belgica? E êle como o pequeno escolar, responde: eu cá não fui!

Parece que por esta razão maxima o proletariado revolucionario espanhol não está, nem pode estar de acordo com os «intervencionistas» de qualquer lado que estejam.

Qualquer.

A minha carteira

Por uma letra

Domela, afirmando que *acção parlamentar e acção política* são duas coisas muito diferentes e que não duvide aplicar a segunda, (tudo vai do sentido que se dê à palavra «política» no seu livro — *Le socialisme en danger*, estabelece a este respeito a seguinte aproximação:

«No concílio de Niceia discutia-se para saber se o filho é semelhante ao pai (homeoncios) ou se o filho é identico ao pai (homeioncios). Havia duas seitas: os homeoncioi e os homeioncioi, devorando-se só por uma letra, por um *z*.

«No congresso socialista de Londres discutiu-se a questão da acção política. Diziam uns: a acção política é a salvação para os operarios, é o unico metodo para conquistar os poderes publicos. Afirmavam outros: a acção política não é outra coisa que a *aução* política, a concepção, a intriga, o meio para os ambiciosos treparem às costas dos operarios: lembrem-se de Tolain e de outros mais. Assim havia duas seitas debatendo-se só por uma letra, por um *u*.

«Não é curiosa a semelhança?»

Recordação

A 7 de Março de 1887 morreu em Coimbra, Adelino Veiga, operario (guarda-soleiro e latoeiro de amarelo), actor e poeta. Pode dizer-se que não só auxiliou quantas instituições populares no seu tempo em Coimbra careciam de auxilio, como prestou o seu concurso a quantos cometimentos houve por lá tendentes a difundir a instrução pelas classes trabalhadoras. Colaborou na *Oficina*, na *Voz do Artista* e em muitos outros jornais operarios. Deixou dois volumes de versos: *A Guitarra d'Almaviva* (canções da plebe), e *Lira do trabalho*. Com um tudo-nada mais de cultura literaria — escreveu alguém — devia dar o verdadeiro poeta do socialismo... Em Portugal, é bem de ver. Morreu victimado pela tuberculose. O seu funeral teve uma alta significação pela enorme concurrencia. Por iniciativa da Associação Fraternal dos Operarios Conimbricenses — de que já houve quem o dissésse fundador, quando ele nem sequer a previra, coitado! — foi lhe erigido um jazigo no cemiterio da Conchada. Em 1909, o aniversario do seu falecimento teve comemoração publica (alvorada, cortejo, sessão solene, etc.), promovida pela Federação das Associações Operarias, de Coimbra. Por essa ocasião a rua das Solas, onde ele nasceu a 13 de Outubro de 1848 e passara quasi toda a sua vida, recebeu a denominação de — «rua Adelino Veiga».

A gorgeta

Recebem-na muitos salarizados, principalmente os criados de cafés, os barbeiros, os cocheiros e os condutores de automovel. Pois, ao que consta, certos patrões diminuem por esse facto os salarios do seu pessoal, e os proprietarios de cafés e

restaurantes, em Lisboa, chegam ao cumulo de não darem salario e exigirem uma parte das gorgetas. Mas nem assim se trata de acabar com semelhante costumeira!

Invenções modernas

Raios X. — Todos os elementos do aparelho emissor dos raios X existiam já antes de Roentgen; foi uma circumstancia fortuita que pôs o sabio no traço desta importante descoberta: a transparencia dos raios catodicos de certos corpos opacos à luz solar. Sabe-se o uso desta descoberta em cirurgia. São tratadas igualmente pelos raios catodicos certas afecções da pele e outras feridas cancerosas.

Reprodução das ilustrações. — Os velhos livros eram pobres de illustração; hoje os proprios diarios são illustrados. O processo rapido da reprodução fotografica é este. Uma pelicula gelatinosa sensível, fixada em um bloco de zinco, incha ou mingua consoante o grau da intensidade luminosa que a fere. Estende-se esta pelicula deformada, passa-se a tinta, e submete-se depois a um banho acido que morde o metal que a tinta não pôs a abrigo da mordedura. Os «clichés» em meio tom são obtidos interpondo entre o bloco de zinco e o negativo um «écran» de vidro, cuja superficie é formada de pontos solventes ou riscado de traços paralelos, cortando-se em angulo recto. O inventor deste processo é Frederico Eugenio Ives, de Filadelfia.

A fechar

Palavras de Bebel:

«Aquele que pretende atingir por meio do parlamento a finalidade do socialismo, ou ignora esta finalidade ou a trai».

Um mágico.

A questão do pão

Uma comissão socialista reclamou do chefe do governo «um rigoroso inquerito aos trigos existentes no pais, pois é do dominio publico que nas grandes fabricas de moagem e ainda em anexos às mesmas existem enormes quantidades de trigos que foram sonogados aomanifesto».

A este facto aludiu o sr. Nunes Trindade, proprietario de padaria, numa entrevista jornalística, em que proferiu as seguintes palavras: — «Bom será que só ele (o governo) perca, não incluindo nós e o consumidor nêsse prejuizo, que, de resto, só vai beneficiar a moagem. Ela (a Companhia de Moagem) tem farinha bastante e com as autorisações das misturas e alterações nos trigos, o negocio deve ser de mão cheia. Não ha rasão alguma para que o preço da farinha aumente, e se assim se fizer é só para beneficiar a Companhia de Moagem e prejudicar todos os outros.

Joaquim Francisco

Para efeitos de visita e correspondencia, ficam os camaradas avisados de que Joaquim Francisco foi transferido do grupo *F* para o grupo *B*.

Pela paz

O Ateneo Obrero Sindicalista, de Ferrol (Espanha) convoca para um congresso internacional os socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operarias do mundo, para se discutir a seguinte ordem do dia:

1.º — Os meios mais rapidos de terminar a actual guerra europeia;

2.º — Nova orientação a seguir de futuro, para evitar tais crimes de lesa humanidade;

3.º — Desarmamento geral dos exercitos permanentes.

O congresso celebrar-se-á em Ferrol, nos dias 30 de abril e 1 e 2 de maio proximo.

As adesões e correspondencia devem ser dirigidas ao secretario López Bouza, calle Canalejas 166 — Ferrol (Espanha).

Por falta de espaço, não reproduzimos a folha solta que sobre o assunto recebemos da comissão organizadora.

Reunião sindicalista

Na segunda-feira passada continuou a análise e discussão dos meios de se conseguir o immediato reaparecimento do *Sindicalista* e abordou-se a proposta da fundação de uma Liga de Defesa Operaria. Estes assuntos devem ficar arrumados — e já não é sem tempo — na reunião de amanhã, para a qual se resolveu convidar o Grupo Editor do *Sindicalista*.

Rurais de Coruche

O *Intransigente* do dia 1 publica uma carta de um grupo de trabalhadores rurais de Coruche sobre o encerramento da sua associação de classe e o jogo de empurra da sua reabertura, — caso que constitue uma das interessantes paginas da historia do afonsismo.

Odio que não cança

Dando noticia da maifestação militar de 27 de Fevereiro, diz o *Mundo* que «na arcada do ministerio do interior se encontravam elementos demasiadamente conhecidos como inimigos do P. R. P., na sua maioria sindicalistas, os quais, à passagem da officialidade, proromperam em vivas ao governo e ao exercito». Isto deve ser menos exacto, porque... Ora! Porque é o órgão democratico que o diz.

Figuras da Social

Em virtude de dificuldades que surgiram relativas á gravura que acompanha o texto desta secção, fica para o proximo numero, a «figura da social» que hoje devia sahir.

Nenhum poder publico deve ter o direito, nem a autoridade nem o credito para impedir o desenvolvimento das ideias novas, o eusino de teorias contrarias á sua politica particular ou aos seus momentaneos interesses. — CONDORCET.

Prendas democraticas

Eis o que, segundo o actual chefe do governo, torna credores do reconhecimento publico o sr. Afonso Costa e os seus partidarios:

No poder não fizeram senão abusar dêle. No poder foram uns permanentes ditadores. Trataram os cidadãos como se fossem uns servos da gleba. Desgovernaram a nação, como se fôra um país de cafres. Converteram as prisões e as casas de correcção em inquisitoriais masmorras da Republica. E queriam continuar os seus desmandos e iniquidades.

Não estará favorecido o retrato?

PUBLICAÇÕES

A Independencia. — Com este titulo e a «pretensão de ser um dos mais uteis jornais», começou a publicar-se ha dias, em Lisboa, um semanario, cuja visita agradecemos.

Recomendamos

O artigo *Los anarquistas ante la guerra actual*, de J. Wintsch, publicado em *Acción Libertaria*, de Gigon de 20 de fevereiro ultimo.

O genio quer ser livre; toda a servidão o acabrunha e muitas vezes o vemos ainda, quando se encontra em toda a sua força, com os sinaes dos ferros que lhe tinham posto no momento em que começava a desenvolver-se nos exercicios infantis.

CONDORCET.

Biblioteca d'«A Sementeira»

<i>A social democracia na Alemanha,</i>	
G. Laudauer	2 ct.
<i>O governo revolucionario,</i> P. Kropotkine	2 >
<i>A Confederação do Trabalho,</i> P. Delessalle	2 >
<i>Aos camponeses,</i> R. Mella	2 >
<i>Os bastidores das guerras,</i> P. Kropotkine	2 >
<i>Teatro livre e arte social,</i> E. Silva	2 >
<i>A Guerra, os financeiros e a politica,</i> Delaizi	5 >
<i>O dia de oito horas,</i> C. G. do Trabalho	2 >
<i>Semeando para colher,</i> C. Dias	2 >
<i>O rei e o anarquista,</i> Libertas	3 >
<i>Catecismo areu,</i> B. Betencourt	3 >
<i>Programa socialista anarquista,</i> E. Malatesta	3 >
<i>Fado livre racional,</i> Sezuirosa	5 >
<i>Coeducação,</i> L. D'Ore	4 >
<i>Um seculo de expectativa,</i> P. Kropotkine	5 >
<i>O espirito revolucionario,</i> P. Kropotkine	5 >
<i>A Anarquia,</i> E. Malatesta	5 >
<i>A's mulheres,</i> J. Prat	5 >
<i>A Canalha,</i> Um de nós	15 >
<i>Em ruinas</i> (teatro), E. Silva	15 >
<i>Evolução e Revolução,</i> E. Reclus	40 >
<i>Almanaque d'A Aurora,</i> para 1913	5 >

Abatimentos aos revendedores e grupos de propaganda. Pedidos pelo correio não tem aumento de preço, mas só se satisfazem quando acompanhados das respectivas importancias e feitos á

Sementeira

Cais do Sodré, 88 — Lisboa-Portugal.